



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Paulo Henrique Gomes de Oliveira

**COMO A METAFÍSICA E O CYBERPUNK PODEM AJUDAR A
PENSAR IDENTIDADE PESSOAL?**

BRASÍLIA

2023

Paulo Henrique Gomes de Oliveira

**COMO A METAFÍSICA E O CYBERPUNK PODEM AJUDAR A
PENSAR IDENTIDADE PESSOAL?**

Trabalho apresentado ao Departamento de Filosofia da
Universidade de Brasília como requisito para obtenção
do título de licenciatura em Filosofia sob a orientação
do Professor Dr. Agnaldo Cuoco Portugal.

BRASÍLIA

2023

Dedico esse trabalho à minha família... Meu pai João Paulo, minha mãe Nilva e minha irmã Raissa que sempre me apoiaram a continuar e me deram forças quando eu pensei não ter.
Amo vocês, obrigado!

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a mim mesmo por ter escolhido o curso de filosofia e por não ter desistido mesmo com todos os obstáculos que surgiram durante a caminhada.

A Universidade de Brasília que me proporcionou experiências únicas para minha formação não só acadêmica e profissional como também pessoal.

Aos meus professores de Ensino Médio que me despertaram o amor pela docência e principalmente pela filosofia.

Ao professor Fred do CEM 414 que durante uma pequena parte do curso foi meu supervisor do estágio supervisionado. Ele foi importante no meu incentivo na permanência do curso e investiu na minha formação docente me fornecendo livros e dando conselhos sobre a prática docente.

Aos projetos de cursinhos pré-PAS que a escola CEM 414 me proporcionou durante meu ensino médio. Com o incentivo de projetos como esse, fizeram com que me ajudassem a conquistar meu espaço na UnB.

Aos professores do Departamento de Filosofia da UnB pelos ensinamentos, paciência e atenção que fizeram com que me ajudassem a compreender e a fazer filosofia.

A Capes que me deu a oportunidade de ser bolsista e me proporcionar a experiência de fazer parte de um projeto incrível que é a Residência Pedagógica.

Aos meus amigos e colegas de curso que compartilharam risadas, experiências e ajudas. Eles contribuíram com que a minha caminhada se tornasse menos árdua.

A Manu que me ajudou recomendando referências bibliográficas para trabalhar nesta monografia, uma parte dos créditos vai para ela.

Ao professor Agnaldo que dispôs tempo, ensinamentos e atenção para me orientar na elaboração deste trabalho.

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

Meu muito obrigado!

“Quero assistir ao sol nascer, ver as águas dos rios correr, ouvir os pássaros cantar. Eu quero nascer, quero viver...”

(CARTOLA)

RESUMO

Este trabalho tem objetivo de fazer uma abordagem sobre as noções de identidade pessoal e os problemas enfrentados pela filosofia moderna e contemporânea sobre as noções de identidade pessoal. Tal análise busca trabalhar alguns dos principais problemas significativos, que são os problemas das continuidades: consciência, memória, corpo e substância. Quais os problemas dessas continuidades em relação ao tempo, troca de corpos e cenários de crimes. A partir desses problemas utilizar como meio de experimento o universo de ficção científica do jogo eletrônico *Cyberpunk 2077* e a obra literária *O médico e o monstro* para trabalhar os problemas metafísicos das continuidades. Tendo isso como norte, utilizar as ideias de identidade pessoal de Locke, Reid, Leibniz, Ricoeur e Parfit como intervenção para compreender melhor como esses problemas poderiam ser resolvidos. Após isso, analisar se houve grande mudança no pensamento sobre identidade pessoal entre os filósofos modernos e contemporâneos.

Palavras-chave: Identidade. Consciência. Memória. Crítica. Continuidade. Metafísica. Cyberpunk. Ficção Científica.

ABSTRACT

This work aims to provide an approach to the notions of personal identity and the problems faced by modern and contemporary philosophy regarding the notions of personal identity. Such analysis seeks to work on some of the main significant problems, which are the problems of continuities: consciousness, memory, body and substance. What are the problems with these continuities in relation to time, body swaps and crime scenarios? From these problems, we will use as a means of experiment the science fiction universe of the electronic game *Cyberpunk 2077* and the literary work *The Doctor and the Monster* to work on the metaphysical problems of continuities. With this as a guide, use the ideas of personal identity from Locke, Reid, Leibniz, Ricoeur and Parfit as an intervention to better understand how these problems could be solved. After this, analyze whether there has been a major change in thinking about personal identity among modern and contemporary philosophers.

Keywords: Identity. Conscience. Memory. Criticism. Continuity. Metaphysics. Cyberpunk. Science fiction.

SUMÁRIO

Introdução.....	p.08
I. Quando a noção de identidade pessoal é problemática?.....	p.11
I.I. Cyberpunk e a Identidade Pessoal....	p.12
I.II. Médico e o Monstro e a Identidade Pessoal.....	p.15
II. Como a metafísica poderá ajudar a pensar essas problemáticas.....	p.17
II.I. Como Locke pensa identidade pessoal.....	p.17
II.II. A concepção de Locke nos cenários de experimento.....	p. 20
II.III. Como Leibniz pensa identidade pessoal.....	p. 22
II.IV. A concepção de Leibniz nos cenários de experimento.....	p.24
II.V. Como Reid pensa identidade pessoal.....	p.25
II.VI. A concepção de Reid nos cenários de experimento.....	p. 26
III. A identidade pessoal na filosofia contemporânea.....	p.29
III.I Como Ricoeur pensa identidade pessoal.....	p. 29
III.II Como Derek Parfit pensa identidade pessoal.....	p. 32
III.III Concepções de Ricoeur e Parfit nos cenários de experimento.....	p. 34
Considerações finais.....	p.35
Referências.....	p.37

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por objetivo esclarecer alguns dos principais problemas sobre identidade pessoal na filosofia, e inicialmente esses problemas podem ser entendidos em como buscar saber se para uma pessoa se reconhecer como sendo a mesma pessoa ao longo do tempo é necessário o uso da memória e consciência, e até quais limites o corpo tem influência sobre esse reconhecimento de identidade. Dessa forma, é fundamental pensar quais as implicações e problemas que essas noções podem gerar para a compreensão de identidade pessoal. Para ajudar a entender melhor esse tema, utilizarei autores como Locke, Reid e Leibniz que foram grandes nomes responsáveis por fornecer grandes contribuições para essa discussão na filosofia moderna e que posteriormente surgiram contribuições ricas de Ricoeur e Parfit que vieram com uma visão mais contemporânea para a discussão de identidade pessoal.

O tema da identidade pessoal é uma problemática e investigação importantíssimas na filosofia porque durante toda a história o ser humano vem se perguntando quem ele é e o que faz com que ele seja o que é, essas perguntas sempre estiveram no horizonte da curiosidade do ser humano. Essa discussão nas últimas décadas vem sendo cada vez mais presente não somente na filosofia, mas também na ciência e psicologia contemporâneas, ainda mais com os recentes avanços da tecnologia, inteligência artificial e com a busca do ser humano em alcançar a imortalidade, pois esses avanços vêm modificando a forma como nos reconhecemos, fazendo com que o que determine a identidade pessoal de alguém se torne cada vez mais complexa de se classificar, levando inúmeros autores a pensar diversas noções diferentes para esses problemas.

Neste trabalho os problemas a serem abordados sobre esse tema serão: A memória e consciência são fatores essenciais para o reconhecimento da identidade pessoal ou para uma identidade pessoal ser estabelecida é preciso de mais elementos e características? Como estabelecer essa relação de continuidade psicológica e continuidade corpórea com a identidade pessoal?

Com memória e consciência em relação à identidade pessoal, eu quero dizer, por exemplo, em como uma pessoa se reconhece quando é jovem e como ela se reconhecerá com o passar dos anos. A questão aqui é investigar se essa pessoa quando for mais velha irá possuir a mesma identidade pessoal de quando era nova. Dessa forma, vamos pensar em como a memória estaria atrelada a esse reconhecimento da pessoa consigo mesma. Pelo fato de a pessoa ter

memórias de sua época jovem, isso faz com que, quando for mais velha, possivelmente ela ainda se reconheça como a mesma pessoa que ela era anos antes. Reconhecer se sua identidade pessoal ainda permanece a mesma ou não pode estar atrelado a e determinada pela memória. Ou também pode acontecer da pessoa chegar à conclusão de que na verdade ela mudou com o passar do tempo e por conta disso ela reconheça através de suas memórias que ela já não é mais a mesma pessoa e, portanto, sua identidade pessoal mudou, algo que faz com que ela hoje se reconheça como outra pessoa. Porém, se pensamos em uma pessoa que sofre amnesia ou alzheimer, poderíamos dizer que ela teria perdido sua identidade pessoal? Caso fôssemos perguntar para Locke isso, ele provavelmente diria que sim, essa pessoa perderia sua identidade. Agora caso a gente fizesse essa pergunta para Reid, provavelmente nossa resposta seria de que não, pois Reid acreditava que a identidade pessoal não se definia somente pela memória e consciência.

No *capítulo I* irei tratar o problema abordado mais acima sobre identidade pessoal com a continuidade psicológica e do dualismo entre corpo e mente/alma. E como modo de experimento para tratar essas questões, irei trazer os acontecimentos que ocorrem com o protagonista no universo de *Cyberpunk 2077* e com o personagem principal da obra de literatura *O médico e o mostro*. O objetivo desses experimentos será pensar na hipótese de transportar as memórias e consciência de uma pessoa para outro corpo, seja esse corpo orgânico ou não. Ou na possibilidade de uma pessoa com o passar do tempo se tornar outra completamente diferente do que um dia foi. Como essa pessoa lidaria quando acordasse (tomasse consciência de si) e se enxergasse em outro corpo? Apesar das memórias, lembranças, impressões e ideias de antes ainda permanecerem com ela, essa pessoa ainda se reconheceria como a mesma pessoa de antes, já que aqui a única mudança seria no seu corpo? Ou talvez a questão da identidade pessoal ultrapasse a ideia de Locke de consciência e memória e chegam à ideia de outros fatores, como a estética ou elementos da personalidade? Essa ideia talvez também possa valer para pessoas que fazem mudança de sexo e para atos criminais onde um sujeito passa por julgamento.

Em seguida, no *capítulo II*, trarei uma relação dos problemas que foram apresentar no *capítulo I* com as noções de autores do período moderno, trazendo uma visão de como Locke, Reid e Leibniz poderiam intervir nesses problemas, mostrando se encontraríamos soluções utilizando os pensamentos desses autores ou se ficaríamos limitados utilizando essas noções. De Locke farei uso de sua obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, especificamente o *capítulo XXVII do livro II*, parte de sua obra onde ele trata da *identidade e da diversidade*, onde

ele aborda questões que acredito ser de relevância para essa investigação; e irei utilizar as críticas que Reid e Leibniz fazem para Locke sobre suas ideias acerca de identidade pessoal. De Leibniz farei uso da obra *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, especificamente o capítulo *XXVII*; e em Reid utilizarei seu texto *Essays on the Intellectual Power of Man*.

No *capítulo III*, trarei uma abordagem do porquê é interessante trazer o pensamento contemporâneo para essa discussão e como ele pode contribuir para os problemas que foram apresentados anteriormente. Analisar se há muita diferença do pensamento moderno com o contemporâneo e até que ponto os modernos possam ser limitados em suas noções de identidade pessoal. Neste capítulo farei uso da obra *O si-mesmo como um outro* de Ricouer e em Parfit utilizarei sua obra *Reasons and Persons*.

Os problemas serão desenvolvidos de forma onde irei investigar as ideias dos autores apresentados anteriormente sobre *identidade e diversidade* para tentar responder as questões levantadas.

Porém cabe lembrar ao leitor de que este trabalho não se trata de um texto historiográfico e nem exaustivo sobre as ideias dos autores apresentados, mas sim que pretende ser uma investigação temática em filosofia, onde levantarei reflexões sobre o tema e elaborarei possíveis respostas para as perguntas com o apoio da bibliografia escolhida.



I. QUANDO A NOÇÃO DE IDENTIDADE PESSOAL É PROBLEMÁTICA?

Sabemos que em algum momento de nossas vidas iremos enfrentar questionamentos sobre o que realmente somos e o que nos faz ser o que somos. É provável que esses questionamentos possam estar ligados com a nossa noção do que possa ser nossa própria identidade pessoal, e em algum momento levantaremos a questão do porquê um pedaço de papel que classificamos como identidade faz com que prove que nós somos nós mesmos. Por conta de diversos fatores iremos notar que não é fácil chegar a uma conclusão do que realmente é identidade pessoal e quais são os fatores principais que determinarão nosso reconhecimento como seres portadores de identidade pessoal.

Com isso, surgem os mais diversos questionamentos e problemas acerca da identidade pessoal, tal como a dúvida se a identidade permanece a mesma durante o tempo ou se o tempo faz com que a nossa identidade sofra mutações, e caso permaneça a mesma com o tempo, será que o corpo tem relação com essa noção ou é a nossa mente ou a alma quem determina a construção de identidade? Ou então possa ser uma construção de diversos aspectos, onde corpo, mente e alma juntos constroem nossa identidade. Por conta disso, foram elaboradas as noções de continuidade qualitativa e continuidade quantitativa, além de existirem as noções de continuidades, que são elas: continuidade corpórea, continuidade da consciência e continuidade da substância. Cada uma dessas noções implica em uma ideia onde se divide o corpo da alma, da consciência ou da memória, essas são ideias que podem em alguns cenários causar confusão e acabar se tornando um grande problema quando pensamos, por exemplo, na troca de corpos, onde X é uma determinada pessoa em um determinado momento e em outro determinado momento X passa a ser Y. Podemos pensar no cenário onde X trocou de corpo e transportou suas memórias e consciência para o corpo Y. Dessa forma como podemos concluir que X=Y se e somente se Y ainda continuar sendo uma pessoa?

Galvão descreve esse problema de como uma pessoa ainda pode ser outra em tempos diferentes.

Suponha-se que x e y são indivíduos situados em momentos diferentes, sendo pelo menos um deles uma pessoa humana. Investigar o problema da identidade pessoal, então, consiste em tentar descobrir o que pôr no lugar de ??? na expressão seguinte: Necessariamente, $x = y$ se só se???. Por que razão não haveremos de estipular que tanto x como y são pessoas humanas? Porque, dessa forma, estaríamos a colocar o problema da identidade pessoal de uma forma inaceitavelmente tendenciosa. Estaríamos a ignorar, à partida, a possibilidade de algo que é uma pessoa humana num dado momento não ser uma pessoa humana noutra momento. Estaríamos a presumir, tacitamente, que cada pessoa humana é uma pessoa humana essencialmente, de tal forma que cada um de nós nunca existiu nem poderá existir sem ser uma pessoa. Mas talvez isto

não seja verdade. Talvez um dia tenhamos existido sem a capacidade da consciência de si. Talvez possamos sobreviver à perda desta capacidade. (Galvão, P. 2013. Pag. 2)

Fica evidente que o problema da identidade pessoal é um problema metafísico, no sentido de que ele transcende o campo apenas do corpo e atinge questões da consciência, e que existem diversas formas de se analisar esse problema. E para trabalhar esse problema de que se para X ser Y é necessário que posteriormente Y ainda seja uma pessoa com consciência; então nada melhor do que trazer obras de ficção científica e de fantasia literária como meio de experimento, pois esses gêneros lidam bastante com essas possibilidades de em um determinado momento alguém ser uma pessoa consciente e outro momento ser uma pessoa consciente ou não. Também é uma boa forma para que entendamos melhor a noção da dualidade entre corpo e mente ou corpo e alma.

I.I. CYBERPUNK E A IDENTIDADE PESSOAL

Quando pensamos em um cenário onde existe a possibilidade de trocarmos de corpo, fazer implantes tecnológicos, podemos evidenciar que cenários de ficção científica lidam e retratam muito bem isso. Dessa forma, como primeiro meio de experimento, trago o universo do Cyberpunk. Originalmente, Cyberpunk foi um subgênero de ficção científica e gênero literário que surgiu por volta dos anos 80, tendo como grandes pioneiros na cultura pop o filme *Blade Runner* e o livro de romance *Neuromancer*. Cyberpunk busca retratar cenários onde o mundo passa por uma grande distopia em que a tecnologia, ciência e economia mundial tomaram proporções muito avançadas, onde a humanidade vive o ápice da inteligência humana, porém ao mesmo tempo em que o desenvolvimento científico e tecnológico tomaram proporções colossais, as desigualdades sociais se tornaram mais evidentes e o capitalismo passa por um momento em que está em seu estado mais selvagem, fazendo com que apenas uma pequena parte da população mundial consiga usufruir dos benefícios do avanço tecnológico, chegando a levar muitos humanos a terem crises existenciais, já que é um mundo onde pessoas vivem ao redor de outras pessoas com implantes tecnológicos que aumentam suas qualidades de vida.

Embora o senso comum costume atribuir à ficção científica a defesa apaixonada pelo avanço científico, muitas obras se voltam justamente para o sentido contrário, produzindo uma crítica alegórico-projetiva. É dentro deste viés que, na década de 1980, floresce o movimento literário cyberpunk. ...das condições de desumanização, limbo ético, solidão, falta de perspectiva, controle social intenso, privação etc. A representação distópica na ficção científica, em geral, guarda um forte tom de denúncia, alerta e crítica. (Aranha, G. 2019. Pag. 257 e 258)

Em *Cyberpunk 2077* não é muito diferente, no jogo desenvolvido pela CD Projekt Red podemos perceber que as megacorporações dominam a economia e a política do mundo, é nesse contexto também onde parece camuflar as desigualdades. No enredo de *Cyberpunk 2077* vemos o protagonista V, um ser humano com inúmeras modificações cibernéticas em seu corpo que trazem melhorias, como visão melhorada, melhor movimentação e até aumentar sua expectativa de vida. V tem como sonho se tornar uma lenda de Night City, cidade na qual o jogo se passa. Com o decorrer do enredo, V aceita um trabalho em que ele deve roubar um cartão de memória do CEO da maior corporação de Night City, chamada Arasaka, pois além desse cartão de memória ser extremamente valioso, também continha a consciência e as memórias de Johnny Silverhand, um grande criminoso e revolucionário do passado de Night City. A missão de V acaba dando errado e na tentativa de que não tomassem o cartão de memória dele, V se vê em um “beco sem saída”, onde sua única forma de continuar com o cartão é inserindo-o no seu socket de cartões de seu cérebro. Porém ao fazer isso, ele não poderia mais remover o cartão, caso contrário morreria instantaneamente assim que o removesse. Esse é o grande foco do enredo do jogo, demonstrar o sofrimento que V irá passar convivendo com outra consciência em seu corpo, no caso a consciência de Johnny.

Agora iremos trabalhar o ponto da identidade pessoal em *Cyberpunk*. Ao inserir o cartão, V passa a conviver com consciência e as memórias de Johnny e conseqüentemente passam a consumir o corpo de V, até chegar a um ponto que V irá perder o controle sobre seu corpo, dessa forma será que sua identidade pessoal e consciência também passarão de existir? Pois o que sabemos é que com o decorrer da história, V deixa de se reconhecer como V e passa a se reconhecer e comportar como Johnny. Iremos perceber que praticamente V deixará de existir, pelo menos no campo da consciência e da memória V não existe mais e Johnny toma esse lugar, e a única coisa que restaria de V seria seu corpo.

É perceptível aqui que a continuidade qualitativa de V acaba, já que Johnny assume seu corpo, porém sua continuidade quantitativa permanece, pois ainda é o mesmo corpo, não há mudanças de corpo. É importante salientar que alguns irão dizer que o Johnny mudou de corpo, pois ele agora está no corpo de V e isso é verdade, porém nosso foco não é esse, nosso foco é centralizar o problema na relação de identidade pessoal de V em relação a Johnny.

Portanto, apresentado os acontecimentos do jogo e o problema em que a identidade pessoal está inserida aqui, qual critério poderíamos usar para classificar se a identidade pessoal de V permanecerá a mesma ou não? Usarei as iniciais dos dois personagens para exemplificar o problema em forma lógica.

$J=V$ se e somente se no critério que fomos adotar considerar que J não é uma pessoa, mas sim a consciência e memórias de alguém (assim como um banco de dados ou servidor que armazena uma inteligência artificial), fazem com que ele seja V , posteriormente. É interessante mostrar que também ocorre uma não continuidade da substância na qual podemos classificar como sendo a alma, já que quando analisamos a perda da consciência de V sobre seu corpo é possível notar que no cartão de memória não estão contidas somente as memórias de Johnny, mas também sua alma, caso contrário não seria possível que o corpo de V fosse tomado por Johnny, pois somente as memórias não seriam capazes de fazer V se tornar Johnny, porque provavelmente é possível eu ter as memórias de outras pessoas e continuar sendo eu mesmo, no sentido de que talvez a memória seja apenas uma característica da identidade pessoal, mas não algo que determina a identidade pessoal. Agora caso formos considerar que J não é somente um conjunto de dados armazenados em um banco, mas é também uma substância, como uma alma, nesse sentido poderíamos considerar que J é uma pessoa, já que ele possui alma, consciência e memória. Então, se $J=V$ se e somente se J for uma pessoa, então aqui provavelmente estaria correto dizer que não houve uma interrupção de continuidade numérica.

Sobre essa questão apresentada acima e sobre a interrupção da continuidade de V , é possível fazer uma comparação da consciência de V com a mônada de Leibniz e com a ideia de continuidade da consciência de Locke, assunto esse que abordarei mais adiante no *capítulo II* deste trabalho.

Devemos lembrar que no cenário de Cyberpunk a relação de identidade pessoal se dá bastante através da consciência e memória, tanto que em muitas cenas do jogo é possível da perspectiva de V , relembrar memórias vivenciadas por Johnny, como por exemplo, se lembrar dos shows de rock que Johnny fazia com sua banda chamada Samurai.

Há também um acontecimento no jogo que também se relaciona com a identidade pessoal que é a cyberpsicose, que nada mais é do que a perda que a pessoa tem do controle de si devido aos vários implantes cibernéticos em que ela coloca em seu corpo e que faz com que seu cérebro não aguarde tanta tecnologia, dessa forma a pessoa perde a consciência. É possível fazer uma comparação da cyberpsicose com a esquizofrenia, pois pelo fato de a pessoa perder a consciência, pode ser que ela também tenha a perda de sua identidade pessoal e caso isso for verdade então isso implicaria que uma pessoa que sofre de esquizofrenia também perde a consciência de si e conseqüentemente sua identidade, mas volto a ressaltar que essas ideias são possíveis caso levemos em consideração que corpo e mente são coisas distintas, assim como Leibniz propôs.

Esses acontecimentos de Cyberpunk são interessantes para que possamos analisar como a ideia sobre identidade pessoal sendo algo isolado do corpo é algo que influencia nossa percepção sobre identidade e pode ser esse um dos maiores desafios que a humanidade poderá enfrentar com o avanço da tecnologia e busca da imortalidade, de tal forma a pensar na preservação de identidade pessoal na troca de corpos.

I.II. O MÉDICO E O MONSTRO E A IDENTIDADE PESSOAL

Em Cyberpunk tratamos do problema da identidade pessoal em relação a uma troca de corpo e agora em *O médico e o monstro* posso apresentar o problema da identidade pessoal em relação a crimes, como a identidade pessoal é definida em um cenário onde uma pessoa sofre transtornos de identidade e comete crimes. Como poderíamos julgar os crimes nesse caso? Para isso usarei como meio de experimento a literatura de ficção científica e terror *O médico e o monstro* que exemplificara bem esse problema na forma como atos criminais podem ser vistos pela metafísica.

O Médico e o Monstro foi escrito pelo autor escocês Robert Louis Stevenson e publicado pela primeira vez em 1886. A história se passa em uma Londres vitoriana e é centrada em torno do Dr. Henry Jekyll, que é um respeitável médico e cientista, e seu alter ego, Mr. Edward Hyde. O enredo tem seu início quando o advogado Gabriel John Utterson começa a investigar uma possível relação estranha entre Dr. Jekyll e o Sr. Hyde após presenciar uma série de eventos perturbadores envolvendo Hyde. Utterson acaba descobrindo que Hyde se trata de um indivíduo cruel e violento, mas a conexão entre ele e Jekyll permanece obscurecida.

Com o desenrolar da história, através de cartas, testamentos e relatos de testemunhas, vai ficando claro que o Dr. Jekyll desenvolveu uma poção que permite a ele se transformar em Hyde. E nesse momento fica perceptível um grande contraste entre as duas personalidades, pois enquanto Jekyll representa a bondade e a civilidade, Hyde representa a maldade e a brutalidade. Há aqui uma dualidade entre os dois personagens que reflete a luta interna entre os aspectos de bem e mal. Conforme Jekyll continua a se entregar aos impulsos malignos como Hyde, ele acaba perdendo o controle sobre sua transformação, e chega um ponto que Hyde começa a surgir involuntariamente. A narrativa culmina em eventos trágicos, revelando a incapacidade de Jekyll de conter seu lado maligno. Essa é uma obra que explora temas como a dualidade entre personalidades ou identidades pessoais de um mesmo indivíduo.

Dessa forma, o nosso grande questionamento é se fôssemos julgar os crimes cometidos por Hyde, poderíamos considerar que ele ainda era Jekyll nos atos dos crimes? Pois se fomos considerar que são as mesmas pessoas, então a identidade pessoal seriam as mesmas em ambos os momentos, tanto para os momentos como Jekyll e os momentos para Hyde. Agora se for o caso de a gente considerar o contrário, estaríamos afirmando que não são as mesmas identidades pessoais.

Diferente de Cyberpunk, aqui em *O Médico e o Monstro* não enfrentaremos o problema de duas consciências em um mesmo corpo, pois podemos confirmar que Jekyll e Hyde são as mesmas pessoas no sentido da continuidade numérica e da continuidade da memória, isso fica evidente, só não sabemos se eles permanecem com a mesma identidade pessoal ou não.

Também não temos aqui o problema da dualidade entre corpo e alma, pois a alma tão permanece a mesma, não há uma troca de corpo, não é o caso de que a consciência e memórias de Jekyll se deslocaram para outro corpo que será usado pelo seu álter ego Hyde. Aqui a transformação se dá através de uma poção que Jekyll ingere, não há um transporte de substância entre um corpo e outro, então o problema é se há ou não uma continuidade de consciência e memória, já que existe uma continuidade física entre as duas personalidades. Como poderemos condenar o Sr. Hyde pelos crimes que comete, sendo que a punição também atingiria o Dr. Jekyll, que durante os crimes de Hyde sequer tinha consciência do que o outro havia feito?

Dessa forma, percebemos que teremos menos dificuldade em tratar sobre os problemas de Jekyll e Hyde, já que aqui podemos eliminar algumas possibilidades que não cabem da forma como caberia em um cenário futurista de Cyberpunk. Veremos mais sobre isso no próximo capítulo.



II. COMO A METAFISICA PODERÁ AJUDAR A PENSAR ESSAS PROBLEMÁTICAS

Os problemas citados no capítulo anterior são os grandes problemas quando pensamos em identidade pessoal e a partir deles a filosofia começou a pensar sobre esse tema e tentar responder essas perguntas recorrendo ao campo da metafísica. Alguns dos maiores nomes que contribuíram e que inauguram esse debate foram Locke, Reid e Leibniz. Eles foram importantes em elaborar ideias sobre as noções de identidade pessoal mostrando os problemas e possíveis soluções para os que possam ser os fatores principais que determinam a identidade pessoal. E nos últimos anos a filosofia em cooperação com a psicologia contemporânea vem tendo um papel importante para a compreensão dessas noções.

Durante a história da filosofia podemos notar que os grandes pensadores que elaboraram ideias sobre identidade pessoal defenderam diferentes pontos de vista, alguns chegando a fazer críticas sobre as ideias do outro, como por exemplo, Leibniz, Locke e Reid, em seus textos podemos perceber posições diferentes, porém é fato que todos mostram visões importantes que ajudaram a entender melhor o problema que permaneceu e ainda permanece na interpretação de como nos reconhecemos como nós mesmos.

Nas seções seguintes irei tratar dos três filósofos citados acima e relacionar as suas noções de identidade pessoal com os problemas de Cyberpunk e *O médico e o Monstro*.

II.I COMO LOCKE PENSA IDENTIDADE PESSOAL

Locke em sua obra *Ensaio Acerca do Entendimento Humano* no capítulo XXVII do livro II, trata da *Identidade e Diversidade*, onde ele apresenta e argumenta suas noções sobre identidade pessoal, foi uma importante contribuição moderna ao debate da identidade pessoal.

Percebemos que nesse capítulo Locke define sua noção de identidade pessoal como sendo baseada na continuidade da consciência e da memória. Para ele a consciência e memória são fatores importantes para que um indivíduo se reconheça como sendo a mesma pessoa ou não, já que, por uma ótica do senso comum, é um fato que sem a memória não é possível lembrar quem eu sou, nem mesmo é possível que eu me lembre de meu nome.

...a identidade pessoal, isto é, a identidade de um ser racional, consiste apenas em consciência e, na medida em que esta consciência possa ser expandida para trás a qualquer ação ou pensamento passado, o mesmo alcance tem também a identidade dessa pessoa. Então, o que quer que seja

que tenha consciência de ações passada e presentes é a mesma pessoa a quem pertencem essas ações. (LOCKE, 1975, p.345-346).

Nesse trecho Viana faz um comentário explicando bem como é a noção de consciência citando o trecho original da obra de Locke:

A resposta de Locke para a pergunta sobre a identidade pessoal ao longo do tempo centra-se na idéia de consciência. Mas consciência, para Locke, não é um atributo individual constitutivo das pessoas, nem uma instância ligada à idéia de experiência interior ou subjetiva. Consciência é apenas a consciência de si e de seu passado, é o estar consciente de suas próprias ações e pensamentos passados. E é por isso que se costuma dizer que o critério de continuidade psicológica de Locke envolve centralmente a memória: “por meio desta consciência, ela [a pessoa] descobre que ela é o mesmo eu que praticou tal ou qual ação anos antes, ação esta que agora a deixa feliz ou triste.”⁸ (LOCKE, 1975, p.345-346, item 25). (Viana, 2010, p. 6)

Com isso, podemos notar que, se a memória é fator intrínseco para a permanência de identidade pessoal, acabarão surgindo alguns problemas por conta disso. Um dos problemas com essa noção de continuidade psicológica de Locke que envolve a memória é de que caso uma pessoa sofra de amnesia ou alzheimer, ela passará por dificuldades para saber quem ela é, chegando a passar por questionamentos constantes para se lembrar de que é e quem era tempos antes. Então o problema é bem mais sério, já que a perda da memória, segundo esse critério, é a perda da própria identidade pessoal.

E como Locke era um empirista ferrenho, acreditava que a memória é uma característica da mente que trabalha de forma empírica, assim como ele próprio propôs em seu exemplo da tabula rasa no *capítulo I do livro I de Ensaio Acerca do Entendimento Humano*.

Suponhamos, pois que a mente é, como dissemos, um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem nenhuma idéia; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra: da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento. Empregada tanto nos objetos sensíveis externos como nas operações internas de nossas mentes, que são por nós mesmo percebidas e refletidas, nossa observação supre nossos entendimentos com todos os materiais do pensamento. Dessas duas fontes de conhecimento jorram todas as nossas ideias, ou as que possivelmente teremos. (Locke, 1690, p. 57)

Locke foi o filósofo que mais atrelou a identidade pessoal com a memória, mas não somente a memória como também com a consciência. Isso quer dizer que, para Locke, se uma pessoa perdesse sua consciência, também poderia acabar perdendo sua identidade pessoal.

Com isso, Locke parece dizer que todas as nossas experiências vão sendo armazenadas na memória, então segundo ele podemos considerar que a memória é um fator do tempo e da experiência sensível. Para se ter memória é preciso possuir experiências adquiridas durante o tempo. Só que percebemos que, quando pensamos na identidade pessoal enquanto uma noção

em relação ao tempo, podemos perceber que isso trará alguns problemas, já que a identidade não é somente determinada pelo tempo, mas também existem diversos fatores que irão determinar uma identidade, como o corpo, substância (alma) e o convívio social, porém Locke diz que a pessoa é distinta do corpo e pode continuar a existir mesmo que esteja passando por mudanças no corpo. Com isso, ele explica que o "ser humano" refere-se à natureza biológica de fazer parte da espécie *Homo sapiens*, já "pessoa" para Locke é um ser consciente e racional, na qual sua identidade está ligada à continuidade da consciência ao longo do tempo.

Um ser inteligente é o mesmo eu pessoal [same personal self] tanto quanto puder repetir a ideia de qualquer ação passada com a mesma consciência que teve dela originalmente e com a mesma consciência que tem de qualquer ação presente, pois é pela consciência que tem de seus pensamentos e ações presentes que ele é um eu para si mesmo agora [it is self to it self now] e, assim, será o mesmo eu [self] tanto quanto a mesma consciência puder se estender a ações passadas ou vindouras; e não seria, pela distância no tempo ou mudança de substância, duas pessoas mais do que um homem não é dois homens por vestir roupas diferentes hoje e ontem com um sono longo ou curto no intervalo: a mesma consciência une essas ações distantes na mesma pessoa, quaisquer que tenham sido as substâncias que contribuíram para produzi-las. (LOCKE, 1975)

Sobre essa distinção entre pessoa e ser humano, Locke também vai nos dar o exemplo do sono, em que ele divide o sono em dois cenários: Sono com sonhos e sono sem sonhos. No sono com sonhos, Locke nos diz que há uma permanência de consciência, pois o ato de sonhar vem do subconsciente, então mesmo que o corpo esteja por mudança, a identidade pessoal é mantida pela continuidade da consciência, mesmo que o corpo esteja em um estado de repouso. Agora sobre os sonhos sem sonhos, Locke reconhece que a consciência cessa temporariamente, então é possível que durante um período a continuidade da consciência seja interrompida durante o sono, porém Locke diz que mesmo que a consciência esteja temporariamente ausente durante o sono sem sonhos, a identidade pessoal ainda pode ser mantida se for o caso da pessoa ainda tiver consciência de si quando acordar.

Em todos esses casos, digo que, estando nossa consciência interrompida e tendo nós perdido a visão de nossos eus passados [past selves], dúvidas podem ser levantadas se somos a mesma coisa pensante, isto é, a mesma substância ou não, o que, por mais razoável ou não razoável que seja, em nada diz respeito à identidade pessoal. A questão é o que constitui a mesma pessoa e não se ela é a mesma substância idêntica, que sempre pensa na mesma pessoa, o que, neste caso, não importa em nada. (LOCKE, 1975)

Na próxima seção veremos como a concepção de Locke se relaciona com os meios de experimento apresentados anteriormente e qual conclusão teremos a partir dessa noção.

II.II A CONCEPÇÃO DE LOCKE NOS CENÁRIOS DE EXPERIMENTO

Agora trazendo novamente o problema de Cyberpunk, irei utilizar a ideias de Locke para que possamos ver como seria essa aplicação da tese lockeana nesses cenários fictícios.

Utilizando a noção de continuidade psicológica de Locke para entendermos melhor o problema que V e Johnny enfrentam, é bem capaz que ainda assim não conseguiríamos achar uma solução concreta, pois mesmo que o corpo de V sofra mudanças e que isso não é importante para Locke, sua consciência permaneceria, porém permaneceria em conjunto com a consciência e memórias de Johnny. Teríamos então duas continuidades psicológicas em um só corpo, contudo sabemos que com o passar da história de Cyberpunk, iremos notar que V perderá sua consciência e fará com que a consciência de V cada vez mais dê espaço para a consciência de Johnny. Dessa maneira, teremos uma perda de continuidade psicológica por parte de V, porém por parte de Johnny ainda irá permanecer sua continuidade psicológica, mesmo que o corpo que Johnny utilize seja o corpo de V. Com esses eventos ocorrendo, poderíamos concluir, na perspectiva de Locke, que a identidade pessoal de Johnny permaneceria e até poderíamos afirmar que ela sofrerá algumas mutações se fôssemos considerar o novo corpo.

Mesmo que o corpo em que a consciência de Johnny esteja agora hospedada não seja seu corpo inicial, ainda é possível utilizar a noção de Locke nesse cenário. E a respeito dos corpos, Locke acreditava que as mudanças na aparência do corpo não faziam com que uma pessoa deixasse de ser quem ela é ao longo do tempo, tanto que, para Locke, o corpo não é fator essencial para a perda de identidade. Uma pessoa que faz cirurgia plástica, muda o corte de cabelo ou que faz uma cirurgia de mudança de sexo não perderia sua identidade pessoal, pois, mesmo com essas mudanças no seu corpo a pessoa ainda continuaria com sua continuidade psicológica que é o responsável pela continuidade dos estados de consciência e memória, independente das mudanças do corpo. Para Locke, a identidade pessoal não está ligada à identidade física do corpo, mas sim à continuidade da experiência consciente e da capacidade da pessoa em lembrar eventos passados.

Quanto ao estado das criaturas vivas, sua identidade não depende de uma massa das mesmas partículas, mas de algo diferente. Nelas, a variação de grandes parcelas de matéria não altera a identidade. Um carvalho, crescendo de planta a árvore grande e depois cortado, ainda é o mesmo carvalho; um potro que se tornou cavalo, às vezes gordo, às vezes magro, é todo tempo o mesmo cavalo, apesar de, em ambos os casos, poder haver uma notória mudança das partes, de modo que, verdadeiramente, nenhum deles é a mesma massa de matéria, embora, verdadeiramente, um deles seja o mesmo carvalho e o outro o mesmo cavalo. A razão disso é que, nesses dois casos, o de uma massa de matéria e o de um corpo vivo, identidade não se aplica à mesma coisa. (LOCKE, 2012, p 172)

Portanto em Cyberpunk, mesmo com os implantes tecnológicos, a identidade pessoal ainda permanece se fomos tomar o corpo como fator da identidade pessoal. Então na noção lockeana é possível que a continuidade psicológica permaneça em uma troca de corpos e por isso em Cyberpunk, utilizando a concepção de Locke, Johnny permaneceria sendo Johnny mesmo no corpo de V.

E em *O Médico e o Monstro*, para saber se Jekyll, quando passar a ser Hyde, perde sua identidade pessoal ou não, precisaríamos saber antes, ao ingerir a porção transformadora, se Hyde perde suas memórias das experiências vivenciadas como Jekyll. Não somente a memória, mas também a consciência, e no caso da consciência é provável que ele perca sua consciência ao se transformar em Hyde já que ele perde o controle de si, então seguindo a noção de Locke para analisar a transformação entre Jekyll e Hyde, poderíamos dizer se ele perde sua identidade pessoal ou não.

Segundo Locke, Hyde seria sentenciado pelos crimes que ele cometeu, pois a falta de consciência durante certo período não é desculpa para se isentar de um crime cometido, pois se o crime estiver provado que de fato aconteceu, então mesmo que aconteça uma perda de consciência, ainda sim a pessoa seria sentenciada, já que a justiça humana leva em conta a continuidade física e não a continuidade ou perda da consciência. E mesmo que o réu tente comprovar que ele não estava consciente de si no ato do crime, é provável que ele não consiga convencer os juízes.

Contudo, se um homem bêbado e sóbrio não é a mesma pessoa, por que ele é punido pelo fato cometido quando bêbado, embora nunca esteja, em algum momento posterior, consciente dele? Exatamente na medida em que é a mesma pessoa, como um homem que anda e faz outras coisas no sono é a mesma pessoa e é responsabilizável por qualquer mal feito que tenha realizado. As leis humanas punem ambos com uma justiça apropriada à sua maneira de conhecer, porque, nesses casos, elas não podem distinguir certamente o que é real, o que é contrafação e, assim, a ignorância na ebriedade ou no sono não é aceita como desculpa. Com efeito, embora a punição esteja vinculada à personalidade, e a personalidade à consciência, e o bêbado talvez não esteja consciente do que fez, ainda assim os tribunais humanos punem-no com justiça, porque o fato contra ele está provado, mas a falta de consciência não pode ser provada a favor dele. Contudo, no Grande Dia, no qual os segredos de todos os corações haverão de ser postos à mostra, é razoável pensar que ninguém deverá ser obrigado a responder por aquilo de que nada sabe, mas haverá de receber seu veredito, sua consciência acusando-o ou escusando-o. (LOCKE, 1975)

Com efeito, podemos perceber que a noção lockeana de identidade pessoal responde alguns dos problemas dependendo do cenário. Vimos quanto *O médico e o Monstro* que Locke parece nos dar uma resposta convincente sobre os crimes, pois mesmo que para Locke o corpo não tenha influência para a identidade pessoal, ele concorda que para a justiça humana o corpo terá importância, enquanto, que a continuidade da consciência ou da memória, não. Porém no cenário de Cyberpunk, podemos ver que a resposta me parece ser sólida até certo ponto, já que

talvez nesse cenário o problema de identidade pessoal seja mais complexo e o melhor modo de se pensar nesse problema seria uma mediação entre a continuidade da consciência e a continuidade corpórea e não eliminando por completo a continuidade corpórea como Locke faz.

Podemos utilizar o problema de Locke também para tratar o problema dos crimes, onde eu digo que é possível um acusado de um crime alegar que o depoimento da vítima não seja verdadeiro pelo fato de que o que está sendo descrito pela vítima não é mais o mesmo da realidade atual, pois o suspeito pode contra-argumentar que a pessoa que a vítima está descrevendo possui cabelos longos, barba longa e usa óculos, enquanto o suspeito não possui tais características. Porém pode ter acontecido que ao longo do tempo o suspeito mudou sua aparência e mesmo com essa mudança de aparência ele não deixasse de ser quem foi no ato do crime, pois o critério de continuidade de identidade aqui não é o de mudanças de partículas. Dessa forma, se fôssemos sentenciar o suspeito seguindo o pensamento de Locke, então o suspeito ainda continuaria sendo o autor do crime, pois se o suspeito dormiu e quando acordou suas memórias permaneceram as mesmas de antes dele dormir, então ele ainda possui a mesma identidade pessoal pois existe uma continuidade, mesmo que o depoimento das características físicas “não batam” mais com as atuais, porém isso pode acontecer desde que o suspeito não entre em coma ou que ele não sofra de alzheimer, pois se for o caso de acontecer isso, poderíamos considerar que o suspeito perdeu sua consciência e memória, então ele já não seria mais a mesma pessoa que era no ato do crime, já que não houve uma continuidade numérica.

Quando se chega nesse cenário, devemos, portanto, pensar nos critérios de julgamento, se iremos julgar o crime independentemente de se o suspeito sofreu perda de consciência depois de cometer o crime ou não. Com isso, fica perceptível que mesmo que encontremos uma possível solução sobre a noção de identidade pessoal, ainda assim cairíamos em outros problemas. No caso do cenário de crimes, cairíamos no problema de qual critério usaríamos para sentenciar a pessoa que cometeu o crime.

II.III COMO LEIBNIZ PENSA IDENTIDADE PESSOAL

Leibniz parece pensar diferente da noção lockeana de identidade pessoal. Em sua obra *“Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano”*, Leibniz basicamente faz um espelho da obra de Locke, acrescentando suas ideias e críticas.

Diferentemente de Locke, Leibniz acreditava e defendia que o corpo era separado de uma substância que é capaz de atingir o plano divino, substância essa que ele a chama de

mônada. Essa substância podemos entender melhor ao fazer uma analogia como sendo a alma que conhecemos hoje no nosso senso comum, pois há semelhanças da mônada com a alma, pois essas duas substâncias são indivisíveis, refletem o que a pessoa é no mundo e são capazes de atingir o plano divino. Com isso, Leibniz vai completamente contra Locke e trata a identidade pessoal como sendo algo que não é determinado pela memória ou consciência, mas sim pela substância mônada que é indestrutível e individual de cada ser, sendo impossível dividi-la.

Leibniz afirma que:

A verdade é que todo corpo é alterável, e até alterado sempre atualmente, de maneira que em si mesmo difere de qualquer outro.

A organização ou configuração sem um princípio de vida subsistente, que denomino mônada, não bastaria para fazer com que permaneça *idem número* ou o mesmo em indivíduo; pois a configuração pode permanecer especificamente, sem permanecer individualmente. (LEIBNIZ, 1996, p. 212)

Leibniz parece não acreditar na possibilidade de dois corpos idênticos e imutáveis existirem. Segundo ele todo corpo sofre mudanças externas que faz com que não seja possível dois corpos serem totalmente idênticos. Tanto que ele argumenta contra Locke que uma ferradura de cavalo se muda em couro dentro de uma água mineral, ela permanece a mesma figura, mas não a mesma espécie, pois o ferro se dissolverá em couro e se coloca insensivelmente no lugar do ferro.

Assim, é necessário dizer que os corpos organizados, bem como outros, só permanecem os mesmos na aparência... (LEIBNIZ, 1996, p. 213)

Com isso, é perceptível que a noção de identidade pessoal de Leibniz está bastante fundada na continuidade da substância, pois quando ele diz que uma figura que muda sua aparência, alterará sua espécie, porém permanecerá a mesma figura, ele quer dizer que uma pessoa pode fazer mudanças no corpo e que permanecerá sendo uma pessoa, pois o que determina a identidade pessoal é sua substância que é indestrutível. E ao longo do tempo as mônadas são únicas de cada um e refletem o mundo. Ou seja, as mônadas são aquilo que o mundo é, as experiências são o fator que molda as mônadas de cada um.

II.IV A CONCEPÇÃO DE LEIBNIZ NOS CENÁRIOS DE EXPERIMENTO

Usando essas ideias de Leibniz para pensar o conflito de identidades pessoais que o personagem com o qual o personagem V lida, veríamos, pois, que seguindo a noção de continuidade da substância de Leibniz veríamos que provavelmente mesmo que Johnny esteja agora no corpo de V, sua mônada permaneceria, se for o caso de que, quando a consciência e memórias de Johnny foram armazenadas em um banco de dados, também foi armazenada sua mônada. Se esse for o caso, então veríamos que não teríamos grandes problemas em concluir que haveria uma continuidade da substância, já que a substância mônada não pode ser dividida e é individual, não teria como um corpo possuir duas mônadas ou uma mônada constituir de duas identidades pessoais, tanto que com o passar do enredo, a consciência de V vai “sumindo” e Johnny vai tomando esse lugar.

Podemos pensar numa relação de dualismo quando trazemos a noção de Leibniz para o Cyberpunk, pois para Leibniz o corpo não tem tanta importância, então ele a separa da substância.

A questão da relação entre a alma e o corpo é assim deslocada: não importa mais como ela ocorre, mas sim porque ela ocorre. É por isso que Leibniz não reivindica ter resolvido o problema da comunicação do corpo e da alma.

...Não mais unida, estritamente falando, com o corpo, a alma é autossuficiente e independente de qualquer outra criatura. Engloba o infinito e exprime o universo, sendo, portanto, como um mundo inteiro à parte. (Kontic, 2010, p. 170)

Notamos que usando a noção de Leibniz acabamos por chegar uma conclusão semelhante à de Locke, que é a de que Johnny continuaria sendo Johnny mesmo no corpo de V e V deixaria de ser ele.

Em *O Médico e o Monstro* não seria muito diferente, pois me parece que em nenhum momento durante a transformação de Jekyll para Hyde ocorre uma interrupção da continuidade da substância. A perda evidente parece ser da consciência e não da substância nesse cenário. Por conta disso, a noção de Leibniz não faria muito sentido caso utilizemos para sentenciar Hyde pelos seus crimes, pois tanto Jekyll quanto Hyde durante toda a história do livro parecem compartilhar a mesma mônada, pois a grande mudança que ocorre na transição entre os dois é a perda da consciência. A noção lockeana segue fazendo mais sentido no caso de crimes, pois ela lida com aspectos da natureza humana e não de uma substância metafísica.

Parece-me que enquanto as noções de identidade pessoal forem focadas na continuidade psicológica e na continuidade da substância, não seria um absurdo concluir que seja possível uma pessoa trocar de corpo e continuar sendo ela mesma.

II.V COMO REID PENSA IDENTIDADE PESSOAL

Thomas Reid foi um grande opositor à concepção de identidade de Locke. Ele argumentava que as experiências sensoriais eram a base fundamental para nossa compreensão do mundo e de nós mesmos, então vamos dar uma olhada em como ele poderia pensar sobre esses problemas.

A conexão entre o sinal e a coisa significada é estabelecida pela natureza: e nós descobrimos essa conexão pela experiência; mas, não sem a ajuda de nossas percepções originais, ou daquelas que já adquirimos. Depois que essa conexão é descoberta, o sinal, assim como na percepção original, sempre sugere a coisa significada e cria a crença nela. (REID, 2000, p. 191).

Reid não concorda com a ideia de Locke de que a identidade pessoal estaria ligada somente com a continuidade da consciência e memória, pois segundo Reid a identidade pessoal não poderia estar ligada apenas à memória já que a memória é falível, pois podem acontecer cenários em que as pessoas esquecem de eventos ou experiências que foram vividas e isso não significa que elas deixam de ser quem elas são ou que essas memórias fazem ser quem elas são. Para Reid as memórias são ideias que vêm através das experiências sensíveis.

Para isso, Reid sugere a seguinte objeção para Locke:

Suponha que um corajoso oficial, açoitado quando menino na escola, por roubar um pomar, tenha tomado uma bandeira do inimigo, em sua primeira campanha, e tenham chegado a general quando mais avançado em vida; suponha, também, que se deve admitir como possível que, quando ele se tornou general, ele estava consciente de ter tomado a bandeira, mas tenha esquecido completamente de ter sido açoitado (Reid, 2000)

Esse trecho de Reid mostra justamente o seu argumento de que a memória pode ser falível e, portanto, não pode ser algo que vá concluir se uma pessoa perdeu sua identidade pessoal ou não e por isso ele levanta a questão de como a memória pode ser a base da identidade sendo que é totalmente possível ao longo do tempo uma pessoa ir perdendo suas memórias do passado.

No trecho a seguir ele esclarece sua ideia sobre não reduzir a noção de identidade pessoal somente à memória. Devido a isso, a noção de identidade pessoal de Reid estaria focada na concepção de alma, então parte de suas ideias era fundada no dualismo entre corpo e alma e baseada nas experiências sensíveis.

Por isso podemos ver no trecho a seguir que ele argumenta que não é possível alguém que deixou de existir ser a mesma pessoa que começou a existir em seguida, pois não seriam as mesmas almas.

Eu vejo claramente que a identidade supõe uma continuação ininterrupta da existência. Aquilo que cessou de existir não pode ser o mesmo que aquilo que em seguida começou a existir (REID, 2000, p. 108).

Podemos perceber que Reid e Leibniz possuem bastante semelhança entre suas noções de identidade pessoal e mesmo que os dois possuam influências religiosas em suas filosofias, podemos notar que nas noções de identidade pessoal dos dois o ponto não é a questão religiosa, mas é uma grande concepção metafísica que os dois compartilham.

II.VI A CONCEPÇÃO DE REID NOS CENÁRIOS DE EXPERIMENTO

Vimos que durante nossa análise da noção de Locke e de Leibniz trabalhamos a continuidade da consciência e memória e da continuidade da substância, respectivamente. Porém agora em Reid iremos trabalhar na hipótese da continuidade da memória ou da substância de Johnny não permanecer a mesma ao longo do tempo, esse seria o problema das continuidades. Será que é possível que através do efeito do tempo aconteça da memória ou da alma de Johnny não permanecer a mesma?

Dadas as circunstâncias de que sabemos que a memória é falível, pode acontecer de que mesmo que Johnny não perca suas memórias durante a troca de corpo, é possível que durante essa troca e durante o tempo em que ele ficou armazenado no banco de dados, ele possa ter perdido algumas de suas importantes memórias, teríamos ainda uma continuidade, mas é possível que não seja uma continuidade da memória perfeita e a consequência de não ter uma memória perfeita é que a identidade pessoal poderia sofrer mudanças e devido a isso existe a possibilidade de Johnny não se reconhecer mais com o Johnny de antes.

Tanto é assim que Reid usa exemplos de amnésia e demência para tratar os cenários onde a memória é falha. Quando pensamos sobre esse conflito de continuidades, devemos então levar em consideração qual critério adotaríamos para determinar se Johnny ainda permaneceria sendo ele mesmo no corpo de V, pois caso usássemos o critério de Reid sobre a continuidade da memória é provável que durante o processo de troca de corpo Johnny perderia sua identidade pessoal.

Vieira em seu texto *Identidade pessoal e continuidade* nos apresenta esse problema das continuidades:

...ainda que tenhamos uma mesma alma ou uma mesma mônada, e ainda que esta entidade fundamente a identidade pessoal, como podemos saber que se trata da mesma entidade em vários momentos distintos de nossa vida? (VIEIRA, 2010, p. 267).

Dessa forma, devemos analisar o que constitui e caracteriza uma continuidade, pois uma continuidade pode contar com mudanças e mesmo assim continuar sendo uma continuidade, não podemos descartar que ainda seja uma continuidade. Uma boa forma de pensar a permanência da continuidade é trazendo a analogia da corda proposta por Wittgenstein:

A robustez do fio não está no fato de que uma fibra o percorre em toda sua longitude, mas sim em que muitas fibras estão trançadas umas com as outras. (Wittgenstein, 1979, p. 39)

Isso quer dizer que, mesmo que eu tenha trinta anos de idade e que não possa me recordar de experiências que tive quando eu tinha sete anos de idade, de qualquer forma as memórias que perdi e as que possuo hoje foram fundamentais para desenvolver minha identidade pessoal, pois o importante não é o fio que está no começo ou no fim do cabo, mas sim que todos os fios fazem ou fizeram parte da minha identidade pessoal.

Então Johnny ainda seja Johnny mesmo com as perdas de memórias que ele sofreu, desde que ele perca completamente suas memórias, ainda podemos considerar que ele ainda seja Johnny.

De qualquer forma, podemos ver que não é só a identidade pessoal que é difícil de se entender e classificar, mas também a noção de continuidade, pois, se pensamos em continuidade da identidade, sempre acabaremos retornando para a noção de um fator particular que será uma substância, uma entidade, a memória, o corpo ou aspectos da personalidade.

Vieira nos apresenta bem essa complexidade em resolver esse problema:

Se a noção de identidade é difícil de clarificar, o mesmo ocorre com a de continuidade. Em geral, não temos problemas práticos para inferir que houve continuidade. Mas, se nos pedem para justificar como sabemos que já não é mais uma mesma pessoa, porém mudada que continuou, mas sim uma nova pessoa, é muito difícil dar uma pronta explicação sem acabar recorrendo à permanência de algum elemento em particular (e, assim, retornar a uma concepção de identidade baseada na substancialidade). Encontramos, na literatura filosófica, mais de uma resposta à pergunta “como permanece?”, ou seja, mais de uma maneira de se pensar a identidade pessoal enquanto continuidade. (VIEIRA, 2010, p. 270).

Veremos então que Reid adota uma noção parecida com a de Leibniz até porque os dois criticaram a noção lockeana e por isso poderemos notar que a intervenção de suas noções no universo de Cyberpunk e em *O Médico e o Monstro* acabam tendo resultados semelhantes. Mesmo que exista o problema das continuidades e que a gente se pergunte se Jekyll perde parte de suas memórias e de sua consciência sempre que se transforma em Hyde, e seguindo a metáfora do fio, ainda sim há uma permanência de identidade pessoal entre os dois personagens. Nesse cenário o aspecto que mais sofre alterações é o corpo, porém o corpo não é um aspecto

importante para Locke e Leibniz, porém para Reid já seria diferente, pois como ele defende o conhecimento através dos sentidos, então não seria absurdo concluir que ele dá importância para a continuidade física, então nesses cenários que eu trouxe, Reid teria uma conclusão diferente de Locke e Leibniz sobre a troca de corpos entre V e Johnny, para ele em Cyberpunk Johnny teria uma perda de identidade pessoal ao habitar o corpo de V. Porém entre Jekyll e Hyde é possível que ele concorde que há uma permanência de identidade pessoal, pois não há uma troca física de corpo. experimento.

No próximo capítulo, veremos como os filósofos contemporâneos vão pensar os problemas metafísicos e como essas ideias podem ajudar no debate sobre identidade pessoal.



III. A IDENTIDADE PESSOAL NA FILOSOFIA CONTEMPORANEA

Assim vemos que a metafísica, sobretudo a moderna trouxe algumas noções interessantes de identidade pessoal com alguns acreditando mais em uma visão empirista e outros com uma visão dualista e que foram ricas para o desenvolvimento das noções de identidade pessoal.

Com as inovações tecnológicas e sociais que surgiram desde os modernos até os dias de hoje, podemos ver que muitos novos cenários surgiram e com isso mais implicações sobre como permanecer uma identidade pessoal em um ser com consciência surgiram e com o surgimento da Psicologia durante o século XVII a noção de identidade pessoal foi sendo bem mais discutida, chegando até a outros campos científicos. Devido a isso veremos que os problemas de identidade passaram a ser pensados através de uma ótica com o objetivo de acrescentar o máximo de características que possam determinar uma identidade pessoal.

III.I. COMO RICOEUR PENSA IDENTIDADE PESSOAL

No debate mais contemporâneo sobre identidade pessoal, o filósofo francês Paul Ricoeur trouxe uma importantíssima ideia de distinção das noções de identidade pessoal, dividindo-a em três noções. São elas as ideias de continuidade psicológica, continuidade corpórea e continuidade ontológica. A continuidade psicológica seria a ideia de continuidade da consciência e da memória para determinar a permanência da identidade pessoal, enquanto a continuidade corpórea seria a continuidade ou permanência do corpo enquanto fator necessário para determinar a identidade pessoal. Já a continuidade ontológica pensa em um aspecto da noção de alma, aqui a alma seria um fator que determina a identidade. Ainda sobre a continuidade ontológica, percebemos um dualismo presente nessa ideia que nos diz que corpo e alma são coisas distintas, portanto, mesmo que o corpo sofra mudanças e a alma permanecer imutável, mesmo assim a identidade não sofrerá alterações porque estamos pensando que a identidade se concretiza através da alma, assim como Ricoeur nos apresenta em sua obra *O si-mesmo como um outro*:

Algumas teses dualistas da subjetividade sustentam que existe algo na identidade, que seria, de certa maneira, imutável, isto é, que mesmo com as transformações nos mantemos idênticos ao que éramos no passado. Tais teorias, que buscam reforçar a identidade na concepção de substancialidade, pensam na pessoa como algo isolado, como um centro organizador de todas as nossas vivências, por assim, dizer, um depositário de nossa identidade pessoal. (RICOEUR, 1991, p. 138-140).

Essa ideia de Ricoeur sobre dividir as formas de continuidade das características que determinam a identidade é interessante para que possamos não ficarmos presos em somente uma noção. Com essa tese de Ricoeur, vemos um esforço do pensamento contemporâneo em buscar entender as diferentes possibilidades, tentando aproveitar as vantagens de cada abordagem e expandindo mais o debate.

Um aspecto bem interessante e que foi mais explorado na contemporaneidade quanto aos problemas da identidade pessoal é a questão do que podemos chamar de identidade como uma “alteridade”, onde a resposta da pergunta do “Quem sou eu?” abrange não somente a forma como eu me reconheço, mas também a forma como o convívio social determina como o outro molda a minha identidade pessoal. Questões como classe social, cor da pele, gênero, cultura etc., são fatores que devem ser levados em conta quando pensamos no problema do reconhecimento de identidade pessoal. Esse foi um ponto importante pelo qual Ricoeur propôs as divisões das noções, pois ele percebeu que a identidade é formada não somente pelo indivíduo, mas também tem aspecto importante no desenvolvimento através do coletivo. Essa visão fica mais evidente com os problemas de apagamento ou apropriação de identidade que os sistemas econômicos que surgiram pós feudalismo trouxeram, como por exemplo o capitalismo. Foucault em sua obra *Microfísica do poder* vai tratar mais sobre essa questão de identidade pessoal com os sistemas econômicos e de poder.

José Carlos Reis retrata bem essa ideia em seu texto *Identidade e complexidade: Ricoeur, Nietzsche, Bauman* ao lembrar que a construção de identidade pessoal também passa bastante pela forma como o outro me enxerga:

...serei capaz de dar uma resposta mais complexa, embora sempre incompleta e insuficiente, à pergunta que me fiz e que já me fizeram tantas vezes: “quem sou eu/quem é você?”. Em que medida o “quem sou eu?” é subjetivo e até que ponto sou também definido pelos grupos sociais aos quais pertenço, família, bairro, cidade, região, país, classe, “raça”, com os quais compartilho uma cultura ou culturas, uma história ou histórias, uma língua ou linguagens? (REIS, 2015, p. 2)

É normal pensarmos mais na questão de uma identidade subjetiva, que lida somente como algo mais voltado ao individual, até porque a primeira coisa que nos vem à cabeça quando pensamos em identidade pessoal é em como a gente se reconhece como nós mesmos, porém em certos momentos esquecemos que essa noção também envolve a forma como o outro me reconhece.

Seguindo a filosofia de Ricoeur, ele vai nos dizer que a respeito dos crimes, a noção de tempo para determinar a identidade pode se tornar algo confuso, que esse diz ele, é o problema da similitude, onde a evidência de similitude entre X e Y assumem o mesmo papel por estarem

vestidos com a mesma roupa ou possuir as mesmas características físicas. Com isso, a similitude pode sofrer com o tempo, pois como o tempo faz com que o corpo e a aparência de um corpo sofram mudanças, então é possível que em uma delegacia o suspeito possa acabar contestando a acusação da vítima, alegando que a pessoa que a vítima descreveu não seja ela, pois as características não batem com o descrito, mesmo que na verdade seja ele, o que aconteceu nesse caso foi que a ação do tempo acabou fazendo com que as descrições ditas pela vítima não sejam mais similares com as características atuais. Para esse problema de similitude, Ricoeur sugere que devemos apelar para o critério da continuidade ininterrupta.

É a fraqueza desse critério de similitude, no caso de uma grande distância de tempo, que sugere que apelemos para um outro critério, o qual depende da terceira componente da noção de identidade, a saber, a continuidade ininterrupta entre o primeiro e o último estágio do desenvolvimento do que nós consideramos o mesmo indivíduo; esse critério prevalece em todos os casos onde o crescimento e o envelhecimento operam como fatores de dessemelhança e, por implicação, de diversidade numérica; assim dizemos de um carvalho que ele é o mesmo, da bolota a árvore inteiramente desenvolvida; do mesmo modo de um animal, do nascimento à morte; enfim, de um homem – não digo de um pessoa – como simples amostra da espécie...”
 ‘...O tempo é aqui fator de dessemelhança; de afastamento, de diferença. (RICOEUR, 1991, p. 142).

Portando, é com a noção de continuidade ininterrupta que podemos considerar que uma pessoa não deixou de ser ela mesma, independente se forem apresentadas dessemelhanças em função do tempo.

Em Ricoeur, a construção da minha identidade depende também da presença da alteridade pública. A “identidade narrativa” não é uma narrativa somente para si mesmo, mas diante do outro. A construção do “eu existo” é um esforço de reflexão e linguagem, é um trabalho de conquista do reconhecimento do outro, o si-mesmo carece de se fazer reconhecer pelo outro. A construção da própria presença é uma tarefa sempre retomada, que necessita do reconhecimento do outro? (REIS, 2015, p. 11)

Ricoeur vem para o debate da identidade pessoal com a ideia de que a identidade é formada pelo pensamento, pelo social e não somente pela substância ou memória. Nesse ponto, Ricoeur possui uma semelhança e influência com o pensamento cartesiano do *cogito, ergo sum*, “Penso. Logo existo”, pois para Ricoeur o ato do pensamento de se reconhecer é uma característica que determina uma identidade pessoal.

III.II COMO DEREK PARFIT PENSA IDENTIDADE PESSOAL

Quando eu disse mais acima quanto a Ricoeur sobre a forma de identidade pessoal como convívio social, poderemos ver que Derek Parfit também nos mostra concordar com essa ideia. Em sua obra *Reasons and Persons* ele demonstra sua ideia sobre como a identidade pessoal se transforma com as diferentes óticas sociais.

Existem dois tipos de semelhança ou identidade. Eu e minha réplica somos qualitativamente idênticos ou exatamente iguais. Mas podemos não ser numericamente idênticos, ou uma única e mesma pessoa. Da mesma forma, duas bolas de bilhar brancas não são numericamente idênticas, mas podem ser qualitativamente idênticas. Se eu pintar uma dessas bolas de vermelho, ela deixará de ser qualitativamente idêntica a si mesma como era. Mas a bola vermelha que vejo mais tarde e a bola branca que pinte de vermelho são numericamente idênticas. Elas são a mesma bola. Podemos dizer, de alguém: 'Depois do acidente, ele não é mais a mesma pessoa'. Esta é uma afirmação sobre os dois tipos de identidade. Afirmamos que ele, a mesma pessoa, não é agora a mesma pessoa. (Parfit 1987, p.201)

Todos os outros filósofos modernos que trouxe aqui neste trabalho pensaram a identidade pessoal de forma a determinar um aspecto que caracterize a perda ou não de identidade pessoal e Parfit nos surpreende ao trazer para o debate contemporâneo de identidade, que segundo ele, os filósofos modernos tiveram dificuldades para determinar um critério de identidade pessoal. Diante disso, Parfit propõe uma possível solução no sentido de que a identidade pessoal não importa.

Considerando que as três principais teorias têm grandes dificuldades para determinar um critério de identidade pessoal Parfit propõem a sua visão sobre o problema da identidade pessoal: a questão da identidade não importa. Parfit diz que, em um primeiro momento, pode parecer que se a questão sobre a identidade pessoal não tiver resposta, não conseguiremos responder a algumas questões importantes tais como a da sobrevivência, memória e responsabilidade moral. Porém, a ideia de Parfit é livrar-nos desse pressuposto, já que para ele a questão da identidade pessoal não tem resposta, logo a identidade pessoal não importa. (Wainstein, 2021, p. 17)

Portanto para ele, a identidade não importa porque se fomos considerar que ela importa, então acabaríamos por sempre querer delimitar a identidade pessoal em um aspecto, assim como faziam os modernos em definir se a identidade se dá através do corpo, alma ou consciência.

Sobre o corpo, Parfit argumenta que não importam as mudanças que o corpo sofre, pois o corpo humano ou o animal está em constante mudança, então não há como considerar que as mudanças no corpo sejam característica fundamental na perda de identidade pessoal.

Em sua obra *O problema da identidade pessoal segundo Derek Parfit*, Carolina de Almeida Wainstein nos diz o seguinte sobre isso:

No caso de objetos físicos, a continuidade física espaço-temporal do objeto é seu próprio critério de identidade. Há entes que a existência suporta grandes mudanças físicas como, por exemplo, insetos que sofrem metamorfoses. Também é verdade que a existência contínua de objetos compostos não necessariamente precisa que todos os seus componentes permaneçam os mesmos. Se, por exemplo, as peças de um navio forem substituídas uma por uma, ao longo de muitos anos, o navio continua sendo o mesmo, mesmo que todas suas peças sejam trocadas. Semelhantemente, às células do corpo humano são destruídas e regeneradas diariamente, mas o ser não perde sua identidade. (Wainstein, 2021, p. 10)

E sobre a consciência ou continuidade psicológica, Parfit argumenta que a identidade pessoal não está exclusivamente na memória e que existem traços psicológicos que devem ser considerados. Parfit faz menção a teoria lockeana de identidade pessoal, dizendo que existem alguns problemas na noção de continuidade da memória de Locke.

Locke afirmou que alguém não pode ter cometido algum crime a menos que agora se lembre de ter feito isso. Podemos compreender a relutância em punir pessoas por crimes dos quais não se lembram. Mas, tomada como uma visão sobre o que está envolvido na existência continuada de uma pessoa, a afirmação de Locke é claramente falsa. Se fosse verdade, não seria possível que alguém se esquecesse de nenhuma das coisas que fez ou de qualquer das experiências que teve. Mas isso é possível. Não consigo me lembrar de ter vestido minha camisa esta manhã (Parfit 1987, p.205)

Fato é que Parfit argumenta que não temos lembranças diretas de todas as nossas experiências, então não é correto afirmar que por conta de eu não me lembrar de que calcei um sapato ontem, então isso faz com que minha identidade pessoal não seja mais a mesma de ontem.

Trazendo as ideias de Parfit em *Cyberpunk*, veríamos que o problema que Johnny enfrenta pela sua consciência e memória estarem no corpo de V não importaria, pois segundo Parfit a identidade pessoal não é um aspecto de sobrevivência e ele nos dá o exemplo da divisão de cérebros para pensarmos nisso.

Parfit apresenta a possibilidade da ramificação cerebral: imaginemos que seja possível dividir meu cérebro em duas partes idênticas (de forma que todo aparato psicológico/memória seja preservado em ambos os lados) e transplantar para dois corpos sem nenhum cérebro (cada parte para um corpo).

... cada metade do cérebro é similar, como então poderemos identificar qual das pessoas serei eu? Como uma metade seria mais eu do que a outra? Se (1) está errado, parece que sobrevivo ao transplante de cérebro, e (2) parece intuitivamente errada, já que não há razão para acreditar que sou mais uma pessoa do que outra. Então a única resposta que restaria seria a (3), de que

sobrevivo em ambas as pessoas. Neste caso a identidade não implica à sobrevivência, tornando assim o problema da identidade pessoal irrelevante. (Wainstein, 2021, p. 17)

Só que ao fazer isso, parece que ele não nos dar uma resposta ao que é identidade pessoal, porém ele responde que todas as teorias sobre identidade são plausíveis, então fica complicado de dizer qual delas é a mais assertiva, por isso que a identidade pessoal não importa para muitos casos em que achamos que ela importa.

Parfit responde que isso só é um problema se tivermos a falsa crença de que há uma resposta para “o que é a identidade?”. Segundo ele, a questão da identidade pessoal não tem uma resposta, visto que todas as teorias são plausíveis, então fica difícil discernir qual delas é a correta. Além disso, a teoria de Parfit abala a crença de que a identidade importa para as questões importantes. As questões importantes (sobrevivência, responsabilidade moral, dentre outras) são respondidas independentemente da identidade; assim a identidade não importa. (Wainstein, 2021, p. 20)

Veremos na próxima seção como ficam essas concepções nos meios de experimento.

III.III CONCEPÇÕES DE RICOEUR E PARFIT NOS CENARIOS DE EXPERIMENTO

Então não importaria para Parfit se Johnny está no corpo de V, pois saber se Johnny ainda é Johnny não uma situação de sobrevivência, pois sabemos que com o decorrer da história Johnny ainda irá viver, mesmo que seja no corpo de V.

O mesmo vale para Jekyll e Hyde e nesse caso importa menos ainda a identidade pessoal, já que quando ocorre a transformação de Jekyll para Hyde, não ocorre uma troca de corpos na onde eu pego o cérebro de um e transporto para outro. Nesse caso, é ainda menos a importância do cenário de sobrevivência do organismo.

Na concepção de Ricoeur, veríamos que deveríamos analisar o contexto na qual os personagens então inseridos para sabemos como é a alteridade do reconhecimento de identidade pessoal das pessoas que convivem com V e Johnny, Jekyll e Hyde. Pois como ele aceita todas as três continuidades e acrescenta o aspecto social, então o problema de identidade em Cyberpunk é concluído através de como as pessoas iriam enxergar V como ainda sendo o V ou se enxergariam V como outra pessoa e se nesse caso seria como Johnny, já que sua

personalidade e ações poderiam mudar, pois se trataria de uma nova consciência e memória hospedadas no corpo de V.

Em *O Médico e o Monstro*, não teríamos muito problema em reconhecer que caberia para as autoridades concluírem se elas iriam sentenciar os crimes de Hyde considerando que ainda seja Jekyll ou não. Em Ricoeur a identidade pessoal se dá muito através de uma construção social.

Veremos, pois, como fica minha visão a respeito de todo esse trajeto que fizemos desde os filósofos modernos até os contemporâneos para tratar os problemas metafísicos de identidade pessoal.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de apresentados os problemas e as concepções dos filósofos sobre identidade pessoal, pude chegar à conclusão de que, visto a possibilidade em adotar diversos critérios para determinar o que caracteriza identidade pessoal, isso faz com que a meu ver a melhor alternativa de se pensar a identidade pessoal seja em não reduzir as concepções em uma só, como fizeram os modernos. Vejo como sendo fundamental não tentar delimitar a identidade pessoal.

Isso fica evidente quando voltamos a lembrar que o problema metafísico presente no livro *O médico e o Monstro* seja difícil de se chegar a uma conclusão, já que podemos pensar em mais de uma forma para dizer se Hyde ainda é Jekyll ou não. O mesmo acontece em Cyberpunk, mesmo que pareça ser evidente que Johnny não perde suas memórias e consciência, ainda sim poderíamos adotar mais de um critério para se chegar a uma conclusão se há uma perda ou não de identidade pessoal, pois ali existem problemas metafísicos da continuidade da consciência, corpórea e até numérica.

É fato que não somos qualitativamente idênticos com o passar do tempo, até porque vimos que não somos parecidos com nossas versões de quando éramos crianças, pois mesmo que nossa memória tenha uma continuidade, ela é falível, porém é possível dizer que somos numericamente idênticos com o passar do tempo. Nesse sentido, a filosofia contemporânea veio com a tarefa de pensar os problemas que já vinham sendo pensados há séculos pela filosofia, porém trazendo elementos não reducionistas e de forma a pensar em cenários futurísticos, com a possível troca de corpos entre consciências humanas, algo bastante presente na ficção científica e que podemos analisar em obras cinematográficas como *Blade Runner*, *Ghost In The Shell* e *Eu, Robô*.

Esses foram alguns dos problemas que são os mais pertinentes quando pensamos nas noções de identidade pessoal e que fica cada vez mais evidente a complexidade de se encontrar uma solução ou respostas para esses problemas, mas o questionamento sobre como é formada a identidade pessoal, tem ligação com alma ou o corpo ou se há uma relação com o meio social, é fundamental de se pensar.

A problemática da identidade pessoal é muito ampla, se expande para muitos campos além da metafísica. Busquei focar no problema da continuidade do tempo e influência que o corpo tem sobre a permanência de identidade pessoal, porém esses temas cabem muito mais possibilidades de abordagem, tanto que o exemplo que eu trouxe de Cyberpunk é um meio no

qual ainda está no início de seu debate e que pode ser muito mais explorado, visto que esse cenário é um cenário fictício que só com o passar dos anos e com o avanço da tecnologia e psicologia, poderemos mais ir pensando e trabalhando esse problema.

Trabalhar os pensamentos sobre identidade pessoal é um tema que em certos momentos pode ser confuso pelo fato de os autores terem diferentes ideias, porém isso também abriu muito a possibilidade de traçar uma diversidade de pensamentos que faz com que o debate enriqueça.

Finalizo com uma frase de Ricoeur que exprime bem a noção de identidade na qual eu mais me inclino, que é a da identidade pessoal não somente como algo interior, mas também exterior:

O si-mesmo, narrando-se, busca a reconciliação consigo mesmo e o seu mundo. Ele se apropria de si para agir, para tornar-se um homem capaz de agir. Ele se esforça para perseverar no tempo tornando-se cada vez mais si-mesmo quanto mais outro se torne. Ele integra em si as suas alteridades. A identidade-soi é de um eu fragmentado, um eu-outro, múltiplo, que se reúne pela narrativa de si e pela atestação de si. O eu se reconhece e pede ao outro reconhecimento. (Ricoeur, 1991)



REFERÊNCIAS

- ARANHA, G. (2019). **O movimento literário cyberpunk: a estética de uma sociedade em declínio**. *Via Atlântica*, 20(2), 251-271.
- LOCKE, John. **Ensaio Acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 212 p (Os pensadores).
- LOCKE, John. **Ensaio Sobre o Entendimento Humano**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 828 p.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm Freiherr von. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**: pelo autor do sistema da harmonia preestabelecida. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os pensadores).
- REID, Thomas. **Essays on the Intellectual Power of Man**. Ed. Derek R. Brookes. Edinburgh: Edinburgh UP, 2002
- WAINSTEIN, Carolina de Almeida. **O problema da identidade pessoal segundo Derek Parfit**. UFRGS, p. 1-44, 2021.
- FREITAS, Vinícius França Freitas. **A objeção de Thomas Reid à Teoria Lockiana da Identidade Pessoal**, UFMG, P. 1-18, 2020.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**; tradução Lucy Moreira Cesar. – Campinas, SP: Papirus, 1991.
- VIANA, Cristina Amaro. **Identidade pessoal e continuidade**, Revista de Estudos dos Pós-graduandos em Filosofia, UNESP, p. 1-18, 2010.
- STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. São Paulo: Martin Claret, 2006. 127 p. (Coleção a obra-prima de cada autor 42).
- REIS, José Carlos. **Identidade e complexidade: Ricoeur, Nietzsche, Bauman**. UFMG, v. 6 n. 2 (2015), p. 1-25.
- SACRAMENTO, Carlos. **John Locke e a problemática da identidade pessoal. Do impacto na Modernidade até à sua actualidade na Contemporaneidade**. ULisboa, p. 6-10.

PEREIRA, José Aparecido. **Crítica de Reid à concepção de identidade pessoal de Locke**. 2011. 37-46 p.

GALVÃO, Pedro. **Identidade Pessoal**. In *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica (2013)*, João Branquinho e Ricardo Santos (eds.), Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

PARFIT, Derek. **Reasons and Persons**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1987. pp. 199-236.

KONTIC, S. Z. (2010). **Substância individual e relação entre alma e corpo em Leibniz**. *Cadernos Espinosanos*, (22), 161-171.